

Além da imagem: análise temática sobre comunicação visual móvel como mediação da vida cotidiana pelas câmeras em smartphones

Beyond the image: Thematic analysis on visual mobile communication as mediation of everyday life by smartphone cameras

Más allá de la imagen: Análisis temático sobre la comunicación visual móvil como mediación de la vida cotidiana por las cámaras de los teléfonos inteligentes

Admilson Veloso da Silva

Corvinus University of Budapest

Resumo

Este artigo explora o papel das câmeras dos smartphones na comunicação visual móvel entre os jovens nascidos no século XXI. Ele destaca a prevalência dos aparelhos integrados a nossa vida diária, demonstrando sua multifuncionalidade além da fotografia, por meio de interações com o ambiente e com nós mesmos. O estudo é baseado em uma pesquisa qualitativa por meio de grupos focais com 43 participantes de 20 países realizada em Budapeste, Hungria. As transcrições foram analisadas tematicamente, resultando em três temas principais: as câmeras como extensão das funções do corpo, como suporte técnico para tarefas cotidianas, e como dispositivo de comunicação visual interpessoal. Por fim, o artigo apresenta exemplos específicos dentro de cada tema, evidenciando as diversas formas como as câmeras dos smartphones são utilizadas no dia a dia para a comunicação visual móvel.

Abstract

This article explores the role of smartphone cameras in visual mobile communication among young people born in the 21st century. It highlights the devices' prevalence integrated into our daily lives, demonstrating their multifunctionality beyond photography, through interactions with the environment and ourselves. The study is based on qualitative research through focus groups with 43 participants from 20 countries and was conducted in Budapest, Hungary. The transcripts were thematically analyzed, resulting in three main themes: cameras as an extension of body functions, as technical support for daily tasks, and as a device for interpersonal visual communication. Finally, the article presents specific examples within each theme, evidencing the various ways smartphone cameras are used in everyday life for visual mobile communication.

Resumen

Este artículo explora el papel de las cámaras de los teléfonos inteligentes en la comunicación visual móvil entre los jóvenes nacidos en el siglo XXI. Destaca la prevalencia de los dispositivos integrados en nuestra vida cotidiana, demostrando su multifuncionalidad más allá de la fotografía, por medio de interacciones con el medio y con nosotros mismos. El estudio se basa en una investigación cualitativa a través de grupos focales con 43 participantes de 20 países llevados a cabo en Budapest, Hungría. Las transcripciones se analizaron temáticamente, dando como resultado tres temas principales: las cámaras como extensión de las funciones corporales, como soporte técnico para las tareas cotidianas y como dispositivo para la comunicación visual interpersonal. Finalmente, el artículo presenta ejemplos específicos dentro de cada tema, destacando las diferentes formas en que las cámaras de los teléfonos inteligentes se utilizan en la vida cotidiana.

Palavras-chave: Comunicação visual. Smartphones. Análise temática. Juventude.

Keywords: Visual communication. Smartphones. Thematic analysis. Youth.

na para la comunicació visual móvil.

Palabras clave: Comunicación visual. Smartphones. Análisis temático. Jóvenes.

Introdução

Você consegue imaginar o seu dia sem um smartphone? Mesmo que a resposta seja afirmativa, o esforço mental de processar quais atividades precisariam ser redefinidas já indica a prevalência desses aparelhos na nossa rotina. Para além da fotografia, as câmeras nos dispositivos são apropriadas como scanners, espelhos digitais, tradutores visuais, leitores de códigos (códigos QR), elementos interativos de realidade virtual, entre outros. A cada momento, uma nova dimensão se revela diante da tela, tecendo uma complexa rede de experiências visuais mediadas pelos dispositivos móveis. Nesse contexto, o presente artigo busca explorar qualitativamente como as câmeras de smartphones operam na comunicação visual em nível individual para mediação da vida cotidiana, com foco em jovens nascidos no século 21 e para além da comunicação interpessoal.

A integração de celulares portáteis ao dia a dia tem sido tópico de discussões acadêmicas há mais de duas décadas (NYÍRI, 2003; LING, 2004; LEMOS, 2005; VILLI, 2005, 2010) e com o advento dos smartphones, acoplados de câmeras e conectados à Internet, novas possibilidades são criadas. Para a discussão proposta aqui, eu busco dialogar com duas vertentes teóricas em específico: comunicação visual e sua atualização mais contemporânea, a comunicação visual móvel. Apropriando das contribuições de estudos anteriores, apresento resultados de uma pesquisa em-

pírica qualitativa realizada com 43 jovens nascidos no século 21 (entre 2001 e 2004) por meio de seis grupos focais. As discussões incluem participantes de 20 países e foram organizadas em 2021 e 2023 em Budapeste, na Hungria. O conteúdo foi transcrito (verbatim inteligente) e codificado para análise temática, da qual três temas principais são apresentados neste trabalho. Adicionalmente, exponho o contexto do uso de smartphones entre os respondentes, com base em um formulário demográfico preenchido durante os encontros.

Os resultados indicam a prevalência do uso de câmeras em diversas instâncias do cotidiano que são distribuídas em três grupos: como uma extensão das funções do corpo (T1); como apoio técnico para facilitar tarefas diárias (T2); e como dispositivo de comunicação visual (T3), principalmente para comunicação interpessoal. Em cada tema, tópicos mais específicos são exemplificados, tais como “*para ajudar a visualizar informações*”, por meio de atividades práticas enunciadas pelos participantes a partir de suas experiências, por exemplo o uso da Google Lens para identificar objetos. Assim, algo que se apresenta como novidade é a interpretação da comunicação visual móvel enquanto um processo que se estabelece também na interação mediada do humano com o seu ambiente e consigo mesmo. Na próxima seção, exponho a fundamentação teórica que embasa a discussão, e na sequência indico a estrutura metodológica e os resultados da pesquisa.

Teorias da comunicação visual

A teoria da comunicação visual abrange múltiplas perspectivas e abordagens interdisciplinares, com contribuições em vários campos e disciplinas científicas, como arte, linguística, psicologia, design gráfico, ciência da computação e filosofia. De forma breve, o termo se refere ao uso de recursos visuais para transmitir mensagens e gerar significados. Porém, dentro das discussões teóricas sobre comunicação visual, há uma distinção entre sensação visual e percepção visual: a primeira se refere ao estímulo inicial do mundo exterior, enquanto a segunda envolve a interpretação do cérebro e a organização da informação. Para Lester (2006), a comunicação visual contemporânea pode ser dividida em quatro teorias agrupadas nessas duas principais vertentes: sensorial (*gestalt* e construtivismo) e perceptual (semiótica e cognitiva). O primeiro grupo se debruça sobre aspectos técnicos e sensoriais de como vemos as imagens: questões visuais de cor, forma, profundidade e movimento; como o cérebro percebe essas pistas e como a informação é transmitida por meio de nossos nervos. A outra vertente busca explorar os processos perceptivos, como interpretamos os signos e seus significados (semiótica) e como as atividades mentais (por exemplo, memória) se relacionam com a percepção visual (teoria cognitiva).

Apesar dessa distinção recente, a história desse campo na prática remonta a milhares de anos, desde as antigas pinturas rupestres, passando pela representação por meio da arte, até as mídias sociais da atua-

lidade (SANTOS, 2022). De acordo com Lester (2006), a comunicação visual desempenha um papel significativo em como percebemos e interagimos com a informação, pois as imagens têm o potencial de se tornar memórias mentais de longo prazo. A relação entre palavras e imagens é crucial para transmitir mensagens de forma eficaz, e a linguagem visual está profundamente enraizada na história humana, anterior à linguagem falada. O autor também defende que “estamos nos tornando uma sociedade mediada visualmente. Para muitos, a compreensão do mundo está sendo alcançada, não por meio da leitura de palavras, mas pela leitura de imagens” (LESTER, 2006, para. 7)¹. Com o advento dos computadores e da manipulação digital, a cultura visual ganha cada vez mais destaque, mediando diversos aspectos da sociedade e contribuindo para o equilíbrio entre palavras e imagens.

Além de Lester (2006), Worth e Gross (1974) também discutem esse tipo de comunicação fazendo uma distinção a partir dos eventos que experienciamos, baseada nas circunstâncias em que ocorrem e nas abordagens que empregamos para dar-lhes significado. Tais eventos são categorizados em dois tipos: naturais e simbólicos. A interpretação de um evento natural é incorporada em sua existência (com *atribuição*), enquanto o significado de um evento simbólico depende de nosso reconhecimento de sua estrutura (*inferência comunicacional*). Conseqüentemente, esses eventos simbólicos são considerados eventos de comunicação, exigindo que o intérprete

¹ Original em inglês: “We are becoming a visually mediated society. For many, understanding of the world is being accomplished, not through reading words, but by reading images” (LESTER, 2006, para. 7).

reconheça que eles são intencionalmente criados, executados ou produzidos para um propósito específico, que é simbolizar ou transmitir uma mensagem.

Dessa maneira, Worth e Gross (1974), acreditam que o processo comunicacional está diretamente conectado à forma como adquirimos conhecimento: “No processo de nos tornarmos humanos, aprendemos a reconhecer a existência dos objetos, pessoas e eventos que encontramos e a determinar as estratégias pelas quais podemos interpretá-los e lhes atribuir significado” (WORTH ; GROSS, 1974, p. 27, tradução própria).² Em uma linha similar, Sterne (2006) explica que comunicação é uma arte técnica (*techné*) que permite às pessoas transformar informação em aprendizado. Por exemplo, a tecnologia está conectada aos hábitos e práticas humanas, de forma a promovê-las ou desafiá-las. Assim, Sterne (2006) afirma que o problema filosófico e político da comunicação se justifica pelo seu uso prático:

Em um nível simples, as pessoas usam câmeras para ver por elas; telefones, microfones e captadores magnéticos para ouvi-los [...]. A radiodifusão é *techné* em grande escala: das habilidades e instintos cultivados dos engenheiros da estação; às maneiras pelas quais os cabos, comutadores e satélites direcionam os sinais; às maneiras pelas quais essas tecnologias implementam políticas corpo-

rativas ou nacionais (STERNE, 2006, p. 95, tradução própria).³

Outros pesquisadores, como Mitchell (1986, 2002, 2005), contribuíram para a expansão da comunicação visual e dos estudos visuais nas últimas décadas, reforçando como sua apropriação tem transformado as sociedades contemporâneas. Para este autor, o campo surgiu como uma área distinta de estudo no contexto dos meios de massa, deslocando o foco da história da arte para o papel das imagens na comunicação e aprendizagem. Em contraponto a outras perspectivas, no entanto, ele argumenta que é importante evitar um viés tecnicista e considerar o contexto sociocultural ao estudar fenômenos comunicacionais a partir dessa ótica (MITCHELL, 2002). Assim, a ascensão dos estudos visuais desenvolveu ainda mais o campo, fornecendo abordagens críticas para a análise de imagens e seus discursos.

Como notado pela diversidade de perspectivas, a teoria da comunicação visual abrange uma ampla gama de teorias, incluindo aspectos sensoriais e perceptivos, a relação entre palavras e imagens, o contexto histórico e cultural, e o impacto da mídia digital na visualidade. Assim, trata-se de um campo multidisciplinar que continua a se desenvolver e contribuir para a nossa compreensão de como os elementos visuais moldam a comunicação e os processos de criação de significado. Na próxima seção

2 Original em inglês: “In the process of becoming human, we learn to recognize the existence of the objects, persons, and events that we encounter, and to determine the strategies by which we may interpret and assign meaning to them” (WORTH E GROSS, 1974, p. 27).

3 Original em inglês: On a simple level, people use cameras to see for them; telephones, microphones, and magnetic pickups to hear for them [...] Broadcasting is *techné* on a massive scale: from the skills and cultivated instincts of the engineers at the station; to the ways in which cables, switches, and satellites direct signals; to the ways in which these technologies implement corporate or national policies (STERNE, 2006, p. 95).

apresento uma das linhas contemporâneas conectadas com a discussão deste artigo, referente à comunicação móvel visual.

Comunicação visual móvel

A comunicação visual móvel se tornou ubíqua nas últimas duas décadas, principalmente com o advento dos smartphones (LING, 2004). Estima-se que em 2023 cerca de 5,44 bilhões de pessoas tinham um aparelho desse tipo, representando 68% da população mundial com acesso a dispositivos móveis (Digital 2023, We Are Social Report 2023). Essa popularização facilita a conexão entre pessoas, a troca de ideias e o processamento de informações complexas na entre o usuário e o ambiente ao seu redor. Para Ling (2004), o desenvolvimento de tecnologias de comunicação móvel e a diminuição dos custos dos dispositivos têm um papel significativo na adoção generalizada de smartphones.

Desde o começo dos anos 2000, estudos têm se dedicado a analisar como esses aparelhos conectados à Internet afetam a comunicação humana, transformando-se em uma forma de cultura digital (LEMOS, 2005; VELOSO, 2017), com questões de visualidade discutidas pela possibilidade de registro, transmissão e consumo de imagens (SERAFINELLI ; VILLI, 2017). Porém, muitas pesquisas no campo comunicacional têm um foco interpessoal (VILLI, 2005, 2010), deixando de lado aspectos relacionados às práticas que extrapolam ações entre pessoas mediadas pelos smartphones, a exemplo da apropriação para interpretar visualmente mensagens em relações entre pessoas e objetos (e.g. tradução de rótulos em produtos). Segundo Castells

(2007), esses aparelhos refletem uma cultura jovem digital que traz modificações mais profundas na sociedade, com o capitalismo focado em informação, mas que também exacerba disparidades pelo acesso desigual à tecnologia.

As investigações já consolidadas indicam que a comunicação visual móvel, facilitada por smartphones equipados com câmeras, bem como o uso de emojis e emoticons, possibilita a troca de ideias e emoções complexas por meio de imagens e vídeos (BÓDI ; VESZESZKI, 2006; VESZELSZKI, 2015). De acordo com Nyíri (2003), a integração de recursos visuais com a comunicação verbal aumenta a eficácia da comunicação interpessoal mediada por aparelhos móveis.

A proliferação de mensagens fotográficas e o compartilhamento de imagens online influenciam a comunicação e a maneira como as pessoas percebem os eventos diários e seus arredores. Assim, câmeras em smartphones tornaram a fotografia mais onipresente, transitória e interpessoal. Para Serafinelli e Villi (2017), a tecnologia móvel inteligente tornou a fotografia tão prevalente que a existência de eventos e objetos parece estar diretamente ligada ao fato de ser fotografado (p. 3), pensamento também articulado por Ciro Marcondes Filho (2017, p. 72). Nesse sentido, a comunicação móvel visual medeia a presença, permitindo que os indivíduos vivenciem e compartilhem eventos em tempo real ou tragam objetos e pessoas visualmente ausentes para o momento presente.

Os jovens estão entre os grupos que adotaram rapidamente telefones celulares e os integraram à vida diária, usando-os para várias atividades, como manter

conexões sociais e iniciar relacionamentos (OKSMAN ; TURTIAINEN, 2004). A comunicação móvel também influenciou a construção da identidade social e a definição do espaço pessoal, permitindo que os indivíduos se comuniquem e se apresentem de maneiras diferentes das interações face a face. A fotografia nos smartphones tornou-se parte integrante da vida diária, permitindo a produção e compartilhamento imediatos de imagens.

O uso de recursos visuais em tecnologia de informação e comunicação, incluindo plataformas de mídia social, aumentou, com elementos visuais como emoticons e GIFs desempenhando um papel significativo na transmissão de emoções e significados. Na perspectiva de Oksman e Turtiainen (2004), os smartphones moldaram o conteúdo, a conduta e os contornos da fotografia, proporcionando aos usuários controle sobre todo o processo fotográfico. No mesmo sentido, a selfie contemporânea representa um novo gênero de autorretrato, reorganizando a relação entre o corpo, o espaço e a imagem.

Os jovens adultos se envolvem em práticas de compartilhamento de fotos em várias plataformas, considerando as possibilidades e os públicos esperados de cada ambiente. Assim, a escolha da plataforma e do tipo de foto depende das necessidades e propósitos comunicativos situacionais. Um dos reflexos da saturação das imagens é sua efemeridade no mundo digital, como apontado por Veloso (2021), tornando-se evidente em plataformas como Instagram, Snapchat, TikTok e, mais recentemente, BeReal.

Considerando o contexto da comunicação móvel visual, busco questionar as prá-

ticas comunicativas adotadas pelos jovens na contemporaneidade para além, mas também incluindo, a comunicação interpessoal. Na próxima seção, apresento como foi estruturada metodologicamente a pesquisa para a coleta e análise de dados, com os resultados apresentados e discutidos na sequência.

Metodologia: coleta e análise de dados

A estrutura metodológica adotada neste estudo consiste de uma abordagem qualitativa (FLICK, 2014) com seis grupos focais (STEWART et al., 1990; VICSEK, 2007) realizados entre dezembro de 2021 e setembro de 2022 em Budapeste, na Hungria, como primeira parte da pesquisa de doutoramento do autor. Durante cada encontro, os participantes preencheram um formulário com dados demográficos e sobre o uso de smartphones, oferecendo informação contextual, além de discutir tópicos referentes ao uso dos aparelhos. O material foi transcrito (*verbatim* inteligente) e explorado com base em análise temática (BRAUN ; CLARKE, 2006, 2019). Apesar de a pesquisa central ser mais extensa e se debruçar sobre o uso de imagens para além do contexto apresentado neste artigo, a riqueza e extensão dos dados permitiu a elaboração de um estudo a parte enfocando nas características da comunicação visual móvel.

Além disso, neste estudo, busco ir além da informação numérica e exploro os relatos sobre as práticas comunicativas incorporando as vozes dos participantes para a interpretação de suas experiências. É importante reconhecer que esse processo envolve a construção de narrativas e a criação

de significados, o que depende da interação contínua de teorias, contribuições dos participantes e escolhas do pesquisador, alinhando-se à proposição Braun e Clarke (2019) sobre pesquisa qualitativa.

O recrutamento de participantes para a pesquisa se deu por vários canais, mas tendo um formulário online como meio principal, o qual foi compartilhado no Facebook e grupos do WhatsApp, bem como por meio de convites por e-mail enviados a alunos da Universidade Corvinus de Budapeste. Como a pesquisa principal envolvia certos critérios, o processo envolveu a filtragem de voluntários com base na idade (18 a 21 anos de idade), uso do Instagram (plataforma analisada na investigação central) e localização (residindo na Hungria). Aqueles que atenderam aos critérios foram informados sobre os objetivos da pesquisa, procedimentos de tratamento de dados e caráter voluntário de sua participação. Foi oferecida uma retribuição simbólica de 2.000 HUF (aproximadamente 28,00 BRL) para cobrir as despesas de transporte até a localidade dos encontros.

Um total de 83 indivíduos submeteram o formulário e, destes, 68 se qualificaram para participar da pesquisa com base nos critérios principais. Cada participante qualificado foi contatado individualmente por e-mail, seguindo as diretrizes do GDPR (Regulamento Geral de Proteção de Dados, do inglês *General Data Protection Regulation*) em vigor na Europa, e convidado para uma das sessões do grupo focal com base em sua disponibilidade. A pesquisa realizou seis grupos focais (Tabela 1), consistindo de um piloto para testar a metodologia e cinco principais, envolvendo ao todo 43 participantes de 20 nacionalidades diferen-

tes. Os participantes dos grupos focais receberam códigos indicando qual encontro atenderam e sua localização na sala.

Tabela 1 - Programação dos grupos focais com jovens usuários de smartphones

Data	Código do GF	Número de voluntários	Nacionalidades
04/12/2021	FGP01	6	5
22/04/2022	FG01	6	5
10/06/2022	FG02	9	8
22/09/2022	FG03	5	5
23/09/2022	FG04	6	4
30/09/2022	FG05	11	8

Fonte: Produção própria

Stewart et al. (1990) destacam que grupos focais permitem a obtenção de dados qualitativos ricos, expressos nas próprias palavras e contexto dos entrevistados (p. 12). Além disso, o método também tem um custo-benefício muito bom, pois gera um grande conjunto de dados sob vários pontos de vista; e possibilita que o pesquisador possa interagir diretamente com os participantes e discutir suas perspectivas sobre determinados temas.

No início de cada encontro, o pesquisador explicou o processo aos participantes, leu o termo de consentimento livre (assinado por todos) e esclareceu dúvidas ou preocupações que tivessem antes de assinar os documentos. Os participantes foram informados de que tinham o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, mesmo após o grupo focal, por meio de contato via e-mail. Os grupos focais duraram aproximadamente uma hora e foram facilitados pelo autor do artigo, com o suporte de um pesquisador assistente que administrou

aspectos técnicos como gravação, coleta de formulários e anotações. Os jovens também preencheram um formulário demográfico que permite uma interpretação contextualizada de suas experiências com os dispositivos móveis.

Dos 43 participantes, 30 se identificaram como sendo do gênero feminino (69,7%); 11 do masculino (25,5%); e duas como queer (4,6%). Apesar de a maioria feminina, em todos os grupos havia mais de um gênero representado, mantendo certo nível de heterogeneidade. Além disso, como a participação era voluntária, não foi possível controlar os grupos para paridade de gênero. Sobre a origem, as seguintes nacionalidades foram representadas, com o número indicando o total de pessoas: quirguistão (9), brasileiro (7), húngaro (5), cazaquistão (3), turco (2), moldavo (2), mongol (2), mexicano (1), marroquino (1), nigeriano (1), ucraniano (1), vietnamita (1), letão (1), americano (1), kosovo (1), jordaniano (1), croata (1), russo (1), montenegrino (1), italiano (1).

As duas questões iniciais da discussão foram referentes a (1) como os jovens se apropriam das câmeras no smartphone em sua rotina, e (2) a importância que atribuem ao recurso nos dispositivos móveis. Dessa forma, uma das perguntas partia de um ponto mais descritivo das experiências e práticas associadas ao equipamento, enquanto a outra se referia mais a uma avaliação de sua relevância. De maneira mais ampla, o material auxilia na discussão da pergunta de pesquisa, sobre como as câmeras de smartphones operam na comunicação visual em nível individual para mediação da vida cotidiana, buscando ir além da comunicação interpessoal. Como

as conversas e a transcrição foram feitas em inglês, neste artigo o conteúdo final foi traduzido para o português. Na seção seguinte, exploro os dados relacionados ao uso dos smartphones e apresento os três temas mais evidentes na discussão.

Resultados: contexto demográfico e temas

Esta seção traz os resultados da pesquisa com base nos dados informados no formulário e dos três temas construídos a partir das discussões. Os participantes foram questionados sobre suas práticas de comunicação móvel, buscando encontrar três informações principais: (1) Quando tiveram contato com um smartphone pela primeira vez; (2) quando tiveram seu primeiro smartphone; (3) quantas horas em média eles gastam no telefone diariamente. É preciso destacar que, por se tratar de dados autorreferidos, não é possível controlar totalmente sua veracidade, pois os participantes podem informar, de forma deliberada ou não intencional, dados diferentes de sua real relação com os dispositivos móveis.

Quase metade dos participantes (48,8%) teve o primeiro contacto com um smartphone entre os 10 e os 15 anos, enquanto outra proporção significativa (46,5%) o experimentou ainda na infância, entre 5 e 10 anos. Ninguém relatou ter usado o aparelho antes dos 5 anos, e apenas uma pequena porcentagem (4,7%) indicou que o primeiro contato foi entre 15 e 20 anos. Assim, os dados indicam que mais de 95% do grupo (Figura 1) começou a usar smartphones em uma fase precoce da vida, portanto já há muito tempo familiarizado com a comunicação móvel.

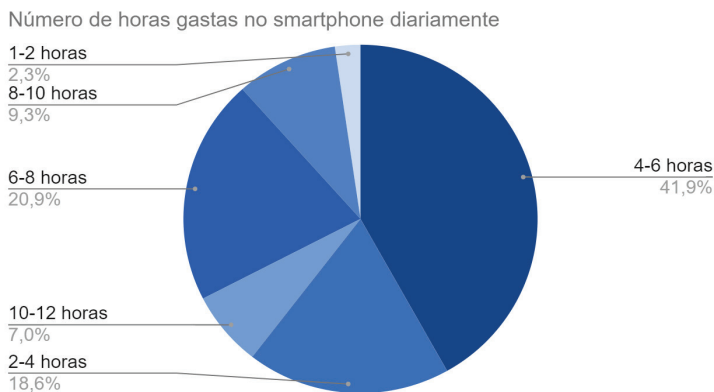
Figura 1 - Primeiro contato e primeiro smartphone próprio

Fonte: Produção própria

Além disso, uma proporção significativa dos respondentes (62,8%) relatou que seu primeiro smartphone foi obtido quando tinham entre 10 e 15 anos de idade, enquanto menos de um terço (27,9%) o adquiriu em uma idade mais jovem, de 5 a 10 anos, e menos de um em cada 10 (9,3%) obteve o dispositivo próprio após completar 15 anos. Uma comparação entre os dois conjuntos de dados também demonstra que a maioria dos entrevistados teve seu primeiro smartphone mais ou menos na mesma idade do primeiro contato com o aparelho, logo, não dependendo de equipamentos emprestados, como

de pais ou irmãos, para comunicação móvel.

O terceiro aspecto indagado no formulário se refere ao tempo diário de uso dos aparelhos. Aproximadamente 42% dos participantes informaram usar o smartphone entre quatro a seis horas por dia, e quase 21% o utilizam por seis a oito horas. É necessário reforçar que, embora os números tenham sido fornecidos pelos entrevistados, essa não é uma atividade fácil de ser relatada, pois eles podem usar seus telefones por mais ou menos tempo do que o indicado, mas os números ainda representam sua concepção do tempo médio gasto nesses dispositivos.

Figura 2 - Tempo gasto nos aparelhos smartphones diariamente pelos jovens

Fonte: Produção própria

Esses indicadores reportados pelos voluntários se alinham com outras pesquisas de mercado internacionais e demonstram a difusão da comunicação móvel atualmente. Por exemplo, um relatório publicado em 2022 (State of Mobile 2022) com dados de todo o mundo mostrou que, em média, os usuários móveis gastam cerca de 4,8 horas por dia na tela, o que equivaleria a um terço das horas acordados. O documento também apontou uma tendência contínua de aumento no uso diário de aplicativos móveis nos últimos dois anos, com alta de 30% em 2021 em relação a 2019 nos 10 principais mercados desse segmento, que inclui Brasil, Indonésia, Coreia do Sul, México, Índia, Japão, Turquia, Cingapura, Canadá e EUA. Nos próximos parágrafos, apresento os temas e tópicos discutidos sobre a apropriação dos aparelhos para comunicação visual.

O debate demonstrou uma apropriação desses dispositivos para uma variedade de propósitos, incluindo três grandes temas, a saber: (1) como extensão das funções do corpo; (2) como apoio técnico para facilitar as tarefas diárias; e (3) como dispositivo de comunicação visual, principalmente para comunicação interpessoal, reforçando estudos anteriores sobre comunicação visual móvel (VILLI, 2005, 2010, 2015; VILLI E STOCCHETTI, 2011).

Tema 1: A câmera como extensão das funções corporais

A capacidade da câmera de enriquecer as funções corporais apareceu em muitas das conversas, com os participantes apontando como ela lhes permite “ver” o que está acontecendo na vida de seus amigos, registrar e

guardar memórias de eventos e visualizar informações (ampliar) ou identificar elementos que possam ir além de seu conhecimento. No primeiro tópico, “*para ‘ver’ o que está acontecendo*”, eles indicam a relevância das câmeras (próprias e alheias) para aproximar de seus olhos informações visuais que de outra forma não estariam acessíveis. FG01P03 explica que eles tiram fotos de close-up do quadro em sala de aula ou ampliam para ver detalhes: “Isso é uma coisa que podemos fazer, aumentar o zoom, porque para mim... como meus olhos não são tão bons, é mais fácil para mim fazer isso”. Da mesma forma, FG01P05 também relata a possibilidade de ver algo pelo telefone enquanto se comunica com outras pessoas. “Quando preciso de um conselho rápido, posso enviar uma foto por exemplo, ‘qual escolher?’. Ou quando converso com alguém e não entendo onde a pessoa está, envio um vídeo como ‘Ei, estou aqui, podem ver a paisagem, podem me encontrar aqui’”, explica.

Além disso, a câmera é uma importante ferramenta “*para registrar e guardar memórias*” de suas experiências, explorando a capacidade do smartphone de armazenar o conteúdo. Os participantes informam que tiram fotos para lembrar detalhes importantes, momentos e informações que precisam lembrar posteriormente, além de usar o equipamento para preservar memórias visuais que podem ser facilmente acessadas no futuro. Essa habilidade pode ser percebida no comentário de FGP01P03: “Tem algumas coisas [informações] que eu tenho que guardar, então eu só tiro [foto]... Às vezes no dormitório tem cartazes na parede e eu não posso anotar tudo, então eu tiro a foto.” Em outros casos, a associação é feita com a memória de curto prazo, ca-

pacidade de reter uma informação momentaneamente e evitar problemas causados pelo esquecimento. FG02P06 ilustra com um cenário prático: “Então eu uso a câmera como uma segunda memória. Por exemplo, quando alguém me orienta alguma coisa, para comprar alguma coisa, eu gravo só para ter certeza de que não vai dar problema depois”. No entanto, há também o armazenamento de dados relevantes de longo prazo, conforme indicado por FG03P03: “Eu uso para tirar fotos de algumas informações que preciso lembrar, ou preciso usar: como senhas ou algo relacionado à escola”.

Um terceiro tópico que foi identificado na discussão relacionada ao tema das funções do corpo é a possibilidade de usar câmeras de smartphones “*para ajudar a visualizar informações*”, que podem ser uma descrição visual de um objeto/evento desconhecido ou uma prova materializada do que os olhos testemunharam. No primeiro caso, FGP04P04 o elucida com um aplicativo de inteligência artificial que conta com a câmera para descrever objetos.

O Google Lens é algo realmente útil. Às vezes, quando eu estava em casa e não conseguia encontrar algumas partes de um objeto... eu não sabia soletrar nem na minha própria língua. Tipo, eu não sabia o que era. Então, acabo usando o Google Lens e ele descreve ‘é esse tipo de objeto, então você pode comprá-lo nesta loja’ e outras coisas. Portanto, é útil quando você não consegue definir o nome do que precisa. (Participante FGP04P04)

Tema 2: A câmera como suporte técnico para as atividades diárias

A familiarização desenvolvida com os smartphones, alinhada com os recursos técnicos dos dispositivos, representa uma mudança na maneira como mediamos muitas experiências cotidianas (VELOSO, 2017). Além disso, esses objetos têm a capacidade de abarcar diversas funcionalidades que, no passado, eram oferecidas por outros equipamentos, como fotografar e escanear. Ao discutir a relevância dos smartphones em suas vidas, os participantes desta pesquisa apresentaram informações relacionadas a quatro tópicos principais que estão ligados ao tema do suporte técnico para atividades diárias: tradução de conteúdo de linguagem, descoberta e exploração de lugares/ espaços, documentação e estudos e auto verificação como em um espelho.

O tópico “*traduzir idiomas*” se mostrou especialmente relevante para os estrangeiros que vivem na Hungria, pois a maioria deles não fala o idioma local e depende de aplicativos que usam a câmera do telefone para tradução automática. No entanto, eles também indicam seu uso em viagens para outros países. A justificativa é apresentada por FGP01P03: “Existem palavras [desconhecidas] em todos os lugares e em alguns deles eu uso a tradução da câmera. É isso.” Este é um tópico simples, mas não necessariamente o primeiro quando se pensa em câmeras, pois requer um aplicativo adicional para funcionar. Curiosamente, apareceu em todas as discussões do grupo focal e, para FGP04P06, é uma das funções mais relevantes nas câmeras dos smartphones: “Sim, esse é o meu principal uso de câmera atualmente, para traduzir rapidamente idiomas estrangeiros”.

Além disso, a câmera também permite aos participantes “*descobrir e explorar*

espaços”. Para FG02P09, a fotografia está ligada à exploração ao ar livre: “Eu também gosto de tirar fotos ao ar livre, como da natureza e coisas assim”. Da mesma forma, FGP04P05 relaciona a câmera com a descoberta de paisagens urbanas. “Acho que quando estou andando nas ruas e vejo estruturas únicas, arquitetura bonita, também tiro fotos”. A experiência de descoberta espacial possibilitada pela câmera pode ser aprimorada ao conectar aplicativos que utilizam tecnologias baseadas em localização, como informa FG05P11:

Eu tiro fotos de lugares que quero ir. Sempre que você tira uma foto de um prédio ou de algum lugar, se ela está de alguma forma conectada ao Google Maps, dá para saber a localização exata. Então, quando eu quero ir a um restaurante ou algo assim, eu só tiro uma foto, tipo a paisagem, e depois retorno lá. (Participante FG05P11)

Outro suporte técnico oferecido pelas câmeras é o “registro de material de estudo”, que diz respeito a ações como escanear arquivos e fotografar anotações ou o quadro para lembrar as informações e revisá-las posteriormente. Os participantes também escaneiam códigos QR e aplicam o smartphone para tarefas mais complexas, como cálculos ou aritmética. Um exemplo pode ser visto na contribuição de FGP04P03: “Se você tem cursos de estatística/matemática, o *Photomath* é ótimo, pois ele sempre faz equações, você não precisa fazer todos esses cálculos difíceis à mão. Você nem precisa de uma calculadora, basta usar o telefone com a câmera.”.

Por fim, dentro dos usos técnicos da câmera mediando suas rotinas, os entre-

vistados indicaram sua adoção “para se autoverificar, como no espelho”. As discussões abrangem várias maneiras pelas quais os jovens se apropriam de seus dispositivos para cuidados pessoais e autoavaliação, o que inclui verificar a própria aparência, ampliar para ver detalhes de seu próprio corpo, avaliar seus resultados de maquiagem e até mesmo acalmar ansiedades (quando preocupados com a aparência). FG02P03 indica um motivo para esse uso: “Eu uso a câmera do meu smartphone principalmente para me observar. Então, posso ver se a minha aparência está boa, se tem alguma coisa presa nos meus dentes ou algo assim...”. Além da praticidade dessa função, há uma questão de tempo, como aponta FG02P07: “Também penso que... tudo é mais rápido. Você pode andar na rua e tentar encontrar um espelho ou pode simplesmente abrir a câmera bem rápido. É muito rápido e eficiente, e acalma a ansiedade das pessoas, talvez!?”

Tema 3: A câmera como dispositivo de comunicação visual móvel

O último tema desenvolvido a partir das contribuições dos participantes em relação à adoção da câmera do smartphone está diretamente relacionado com as descobertas de estudos anteriores sobre comunicação visual móvel (VILLI, 2005, 2010; SERAFINELLI E VILLI, 2017). Assim, este reforça o conhecimento já estabelecido – e, até certo ponto, os usos mais comuns – dos dispositivos móveis atualmente. Sob o tema, organizo três tópicos principais levantados pelos jovens nas discussões dos grupos focais: a) as formas como as imagens móveis os conectam com outras pessoas;

b) a oportunidade de manter comunicação interpessoal visual via Internet com pares geograficamente distantes; c) a exploração de sua criatividade com a câmera para produzir conteúdo visual.

Os dois primeiros tópicos estão interligados, pois “conectar-se com outras pessoas por meio de imagens” geralmente significa “manter comunicação interpessoal com familiares e amigos”. No entanto, o primeiro pode incluir situações em que tiram uma foto com um grupo e depois a discutem internamente para uma revisão inicial (ou aprovação), antes de compartilhar o conteúdo online. O segundo tópico refere-se principalmente a casos de comunicação mediada pelo telefone durante o uso da câmera para ver os pares em vídeo ou fotos.

Para os participantes, suas conexões com outras pessoas e a vida social podem ser vistas na galeria do telefone, como exemplifica FG02P08: “Nos dias em que saio com meus amigos sempre chego em casa e tem um milhão de fotos na câmera. Ontem eu estava descansando o dia todo e havia 0 [foto]. Pensando nisso, uso mais a câmera quando saio com meus amigos”. Um propósito semelhante é obtido com a contribuição de FG05P10 ao indicar a câmera como parte de sua socialização: “É, na verdade... a maioria das fotos da minha galeria são... bem, são de quando bebo com os amigos, pois começamos a tirar fotos de nós mesmos. É a maioria das fotos que eu tenho”. Esse tópico nos remete às observações feitas por Oksman e Turtiainen (2004) de como o aparelho constitui um elemento importante para a sociabilização dos jovens, porém agora com a centralidade do componente visual na comunicação.

Quando se trata de comunicação interpessoal, os participantes indicam que aplicativos como WhatsApp, Instagram ou Messenger permitem que eles vejam “cara a cara” pessoas que estão geograficamente distantes. É o caso de FG02P07: “É... eu a uso bastante para me comunicar com meus amigos. São muitas conversas em grupo e muitas chamadas do FaceTime”. Além disso, o uso de recursos visuais permite que os jovens se sintam mais próximos de seus entes queridos e, de alguma forma, construam um espaço imaginário compartilhado, algo similar ao observado por Serafinelli e Villi (2017) na avaliação sobre o compartilhamento de imagens em mídias sociais. O exemplo é detalhado por FGP04P01:

Provavelmente a câmera é a coisa mais usada no meu celular porque estou em um relacionamento à distância com meu namorado há três anos. Quando volto para casa, moramos juntos, mas aqui temos 1.000 quilômetros, então basicamente eu tiro fotos de tudo. É tipo ‘estou bebendo isso’ ou ‘olha meu café da manhã’. Compartilho minha vida e tento sentir que ainda estamos no mesmo lugar. Além, é claro, do bate-papo por vídeo. (Participante FGP04P01).

O último tópico refere-se ao uso da câmera “para se inspirar e criar conteúdo visual”, que em muitos casos é compartilhado online em plataformas como o Instagram. O equipamento permite explorar a criatividade experimentando várias tomadas até obter os melhores ângulos ou mesclar conteúdos multimídia (por exemplo, vídeos com narração para o aplicativo TikTok).

FG03P03 relembra que o telefone conseguiu substituir câmeras mais sofisticadas e popularizar a produção de conteúdo: “É importante na forma como nós jovens nos comunicamos, compartilhamos informações, porque a maioria usa para gravar conteúdos no Instagram e no TikTok. As pessoas não usam mais câmeras profissionais, agora usam apenas as câmeras de seus smartphones.”

Conclusão

Esta pesquisa demonstra de forma qualitativa como as câmeras dos smartphones estão incorporadas à rotina dos jovens para fins que incluem, mas também extrapolam, a comunicação interpessoal (VILLI, 2010; VILLI E STOCCHETTI, 2011; SERAFINELLI E VILLI, 2017). Dessa maneira, evidencia-se que a comunicação visual móvel tem se tornado ubíqua e atravessa práticas comunicativas que abrangem as relações de nível humano-objeto e reflexivas do humano consigo mesmo. Apesar de parte das atividades mencionadas pelos participantes serem comuns a muitas pessoas ao redor do mundo, elas ainda não obtiveram a investigação devida dentro do campo comunicacional. Assim, espero que a breve discussão promovida neste artigo sirva de estímulo para outros estudos na área com foco em comunicação visual móvel.

Refletindo na questão central desta análise, sobre como as câmeras de smartphones operam na comunicação visual em nível in-

dividual para mediação da vida cotidiana, é possível observar pela exposição temática que o recurso assume papéis diversos no dia a dia do grupo estudado, o que inclui sua interpretação como “*extensão das funções corporais*”, “*como suporte técnico para as atividades diárias*”, e “*como dispositivo de comunicação móvel visual*” da forma mais convencional. Entre os exemplos apresentados pelos jovens, nota-se uma variedade de tópicos, desde aqueles mais práticos ou funcionais, como a digitalização de documentos e escaneamento de código QR, às funções que não eram comuns antes da popularização dos smartphones, como interações de realidade aumentada com o ambiente ao redor ou para pesquisa visual online.

É importante salientar que, devido ao teor qualitativo deste estudo, os resultados não devem ser generalizados para a população como um todo. Considera-se que o contexto sociocultural da investigação, envolvendo majoritariamente jovens estudantes, do qual um número considerável residia fora de seu país de origem, possa refletir nas apropriações dadas às câmeras. Além disso, os tópicos e temas apresentados no artigo não visam a esgotar a discussão, mas propor novas abordagens ao estudo da comunicação visual móvel. Finalmente, pesquisas futuras podem se debruçar de forma quantitativa sobre esses temas ou elaborá-los de forma específica, aprofundando-se nas características de cada tema/uso em investigações individuais.

Referências bibliográficas

BÓDI, Z. and VESZELSZKI, Á. *Emotikonok. Érzelemkifejezés az internetes kommunikációban*. Budapest: Magyar Szemiotikai Társaság, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis, *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, Abingdon, v. 11, n. 4, pag. 589-597, junho, 2019 DOI: 10.1080/2159676X.2019.1628806

CASTELLS, M. *Mobile Communication and Society*. Massachusetts, MIT: 2007. CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; GALPERIN, Hernán. *Comunicación móvil y desarrollo económico y social en América Latina*. Madrid: Editorial Ariel, S.A., 2011.

DATA.AI. *Relatório State of Mobile 2022*. Disponível em: <https://www.data.ai/en/go/state-of-mobile-2022/#:~:text=The%20State%20of%20Mobile%202022,the%20rich%20data%20and%20insights>. Acesso em: 15/04/2023.

FILHO, C. M. Imagens que nos formam, nos deformam e nos transformam: dos silêncios, dos clichês, da percepção e da fruição das imagens. PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM. São Paulo, v. 1, n. 1, pag. 69-75, jan./jun. 2017. <https://doi.org/10.31657/rcp.v1i1.9>

FLICK, U. *An Introduction to Qualitative Research*. 5. ed., Londres: Sage Publications, 2014.

KEMP, S. *Digital 2023: We Are Social Report*. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/digital-2023/>. Acesso em: 23/04/2023.

LE MOS, A. Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ, 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/140429770509861442583267950533057946044.pdf> Acesso em: 17/05/2023.

LESTER, P. M. *Urban Screens: the beginning of a universal visual culture*. First Monday. Chicago, n 4, fevereiro, 2006. <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/download/1543/1458>

LING, R. *The Mobile Connection: The Cell Phone's Impact on Society*. San Francisco: Elsevier, Inc, 2004. <https://doi.org/10.1145/1029383.1029381>

MITCHELL, W. J. T. *Iconology: Image, text, ideology*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

MITCHELL, W. J. T. Showing seeing: a critique of visual culture. *Journal of Visual Culture*. Londres, v. 1, n. 2, pag. 165–181, agosto, 2002. <https://doi.org/10.1177/147041290200100202>

MITCHELL, W. J. T. *What Do Pictures Want?: The Lives and Loves of Images*, Chicago: University of Chicago Press, 2005.

NYÍRI, K. Pictorial Meaning and Mobile Communication”. Em Kristóf Nyíri (ed.), *Mobile Communication: Essays on Cognition and Community*, Vienna: Passagen Verlag, 2003, pp. 157-184.

OKSMAN, V. ; TURTIAINEN, J. Mobile Communication as a Social Stage: Meanings of Mobile Communication in Everyday Life among Teenagers in Finland.

New Media & Society. Londres, v. 6, n. 3, pag. 319-339, junho 2004. <https://doi.org/10.1177/1461444804042518>

SANTOS, V. M. Nova Teoria da Comunicação e audiovisuais: a possibilidade da intuição sensível diante do estado-vídeo. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*. São Paulo, v. 6, n. 11, pag. 93-105, jan./jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.31657/rcp.v6i11.575>

SERAFINELLI, E. ; VILLI, M. Mobile Mediated Visualities An Empirical Study of Visual Practices on Instagram. *Digital Culture & Society*. Berlim, v. 3, n. 2, pag. 165-182, janeiro, 2018. <https://doi.org/10.14361/dcs-2017-0210>

STERNE, J. Communication as Techné. In: St. John, J., Striphas, T., Shepherd, G. J. (eds.) 2006: *Communication as...: Perspectives on Theory*. Sage: Thousand Oaks, 2006.

STEWART, F. T. et al. (Eds.) *Tools for primary care research* (pp. 177-193), 6. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

VELOSO, A. S. Miatização e mobilidade: mediação da experiência por aplicativos em smartphones. Em *Anais do II CONEC – Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais* (pp. 650-667). Poços de Caldas: PUC Minas. ISBN: 978-85-93959-01-1

VELOSO, A. S. Visual communication in the age of digital-networked images: an analysis of Instagram Stories features. Em INMECS21, 1. Uluslararası Medya ve Kültürel Çalışmalar Konferansı, “*Dijital Dünyada İletişim, Sanat ve Kültür*, 6-7 setembro 2021, Hasan Kalyoncu University, GAZİANTEP, pag. 264-275

VESZELSZKI, A. Emoticons vs. Reaction-Gifs. Non-Verbal Communication on the Internet from the Aspects of Visuality, Verbality and Time. Em: Benedek, András – Nyíri, Kristóf (eds.): *Beyond Words. Pictures, Parables, Paradoxes* (series Visual Learning, vol. 5). Frankfurt: Peter Lang, pag.131-145.

VICSEK, L. A Scheme for Analyzing the Results of Focus Groups. *International Journal of Qualitative Methods*. Alberta, v. 6, n. 4, pag. 20-34, dezembro, 2007. <https://doi.org/10.1177/160940690700600402>

VILLI, M. “Hey, I’m here Right Now”: Camera phone photographs and mediated presence. *Photographies*. Oxfordshire, v. 8, n. 1, pag. 3-22, janeiro, 2015.

VILLI, M. ; STOCCHETTI, M. Visual mobile communication, mediated presence and the politics of space, *Visual Studies*. Oxfordshire, v. 26, n. 2, pag. 102-112, junho, 2011 <https://doi.org/10.1080/1472586X.2011.571885>

VILLI, M. *Photo message – Photo or Message*. Camera Phone Photographs in the Context of Photography and Communication. Aesthetics and Mobility. University of Art and Design: Helsinki, 2005.

VILLI, M. *Visual mobile communication: Camera phone photo messages as ritual communication and mediated presence*. Finland, Jyväskylä: WS Bookwell Ltd.,2010

WORTH, S. ; GROSS, L. Symbolic Strategies, *Journal of Communication*. Oxford, v. 24, n. 4, pag. 27-39, dezembro, 1974. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1974.tb00405.x>

 Data do recebimento: 26/05/2023

Data do aceite: 09/08/2024

Dados dos autores:

Admilson Veloso da Silva

Doutorando em Ciências da Comunicação e pesquisador na Corvinus University of Budapest, na Hungria, mestre em Comunicação Social pela PUC Minas, possui MBA em Comunicação Digital e Mídias Sociais pelo Centro Universitário UNA, graduou-se em Comunicação Social – Jornalismo, pelo Centro Universitário Newton Paiva, em junho de 2010. Atuou como pesquisador bolsista Capes Integral na PUC Minas, sendo membro do Grupo de Pesquisa “Mídia e memória: construção de identidades” no PPGCom da PUC Minas, consultor-voluntário de Marketing para a Globe Trotter Intercâmbio e Viagens e editor do Blog Gente que Viaja.